

Revista eletrônica **Cadernos de História**
publicação do corpo discente do Departamento de História da UFOP
Ano I, n.º 2, setembro de 2006
www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria
ISSN 1980-0339

**CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis: historiador*. São Paulo:
Companhia das Letras, 2003. 345 p.**

David P. Lacerda
david_lacerda84@yahoo.com.br
Graduando em história na UFOP

Maykon Rodrigues dos Santos
maykonascj@hotmail.com
Graduandos em História na UFOP

Palavras-chave: Machado de Assis, Literatura, História, Brasil, Império.

Keywords: Machado de Assis, Literature, History, Brazil, Empire.

Ao longo de quase uma década, o professor do Departamento de História da UNICAMP, Sidney Chalhoub, dedicou-se a refletir sobre a obra de Machado de Assis, publicando vários artigos sobre o tema. Lançado em 2003, pela Companhia das Letras, *Machado de Assis: historiador* é o que podemos chamar de conclusão de um esforço intelectual de crítico literário e historiador social. O livro dá continuidade a obra do autor e à sua análise sobre a sociedade brasileira na segunda metade do século XIX, ou, nas palavras do próprio autor, sobre o “momento de crise dos mecanismos de dominação senhorial”. O livro lança também um novo olhar sobre a literatura brasileira do século XIX, sendo marcadamente influenciado pelos trabalhos de historiadores sociais como E. P. Thompson, Eugene Genovese, Robert Slenes, entre outros.

Neste livro, Sidney Chalhoub tem como hipótese central que os romances de Machado de Assis demonstram a história social e política do Brasil da segunda metade do oitocentos. Dessa maneira, Chalhoub acredita que os escritos machadianos apontam a construção da ideologia senhorial, seus nexos estruturais, sua forma de organização e as mudanças históricas sofridas por tal ideologia, que teve na *Lei do Ventre Livre* o principal ponto. Valendo-se dos estudos de crítica literária de Roberto Schwarz e John Gledson, principais intérpretes do bruxo do Cosme Velho

utilizados pelo autor, Chalhoub evidencia que os romances de Machado revelam como a sociedade brasileira do século XIX tinha na escravidão e na conseqüente produção cotidiana de dependentes e desigualdades sociais sua principal forma de se organizar. A escravidão era ao mesmo tempo a máxima dependência e o parâmetro que hierarquizava qualquer outro tipo de dependência. Em síntese, Chalhoub reconhece, nos textos literários de Machado, um mecanismo de interpretação possível da realidade em que foram escritos.

O livro está dividido em quatro capítulos. Nos três primeiros, que configuram a primeira parte, Chalhoub se dedica a apresentar sua leitura sobre alguns romances de Machado de Assis. No quarto e último capítulo, que é a segunda parte do livro, Chalhoub empreende um trabalho minucioso de pesquisa sobre a vida do funcionário público Joaquim Maria Machado de Assis.

O percurso se inicia em *Helena*, com a descrição do momento de hegemonia do “projeto saquarema”, projeto este que, segundo Chalhoub, se assentava na inviolabilidade da vontade senhorial. Neste romance, a narrativa se desenrola no conflito existente entre Helena (agregada) e Estácio (senhor). Tal tensão não é percebida pelo senhor/proprietário Estácio, pois antagonismo, relativismo e quebra de dominação não fizeram parte do ideário senhorial enquanto sua percepção de mundo. Já Helena, que era completamente consciente de sua dependência social e econômica, percebia a tensão e tentava manipular Estácio de modo a fazer valer sua vontade. Como ainda não havia chegado o momento de crise da ideologia senhorial e no desenrolar da trama tal tensão não podia ser resolvida, a dependente Helena morre ao final.

Em *Iaiá Garcia*, o que era certo começa a se corroer, ou seja, a ideologia senhorial já não mais se encontra no auge. A vontade senhorial, principalmente a da personagem Valéria, é contestada e até mesmo ela reconhece isso, apesar de não aceitar. Finalmente, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*, Machado, segundo Chalhoub, demonstrou que a vontade dos senhores já podia ser violada, e até mesmo os dominadores percebem essa situação. Assim, por exemplo, o tom dos senhores/proprietários Casmurro e Brás Cubas é de pessimismo e nostalgia em relação a um mundo que não mais existe. Os que deviam ser seus agregados os traem a todo o momento, sua vontade é violada.

As personagens de Machado nos levam a enxergar como pensavam agregados e dependentes, sendo que os primeiros, baseados na sua experiência de relações verticais com seus senhores, algumas vezes, conseguem se valer do discurso hegemônico da classe senhorial para conseguir benefícios pessoais e redimensionar a sua realidade de dependência; os segundos, por

sua vez, interpretavam a realidade de forma a construir um mundo ideal em que a exploração, a subordinação, ou seja, a luta de classes, não existe, concebendo um mundo que não passa da mera expressão de sua vontade, ou nas palavras de Brás Cubas, “a subordinação do universo a um nariz somente”, o do senhor/dominador.

Em todos os romances temos como pano de fundo a estrutura da sociedade brasileira. Ao demonstrar isso, Chalhoub se vale da hipótese de Schwarz, que coloca os romances de Machado como demonstradores das estruturas sociais da sociedade em que vivia. O melhor é que Chalhoub não pára nisso. Ele demonstra também que, além das estruturas, os romances machadianos revelam as mudanças que tais estruturas sofreram entre as décadas de 1860 e 1870. Assim, enquanto em *Helena* o golpe fatal na ideologia senhorial, que foi o a experiência histórica da década de 1870, não faz parte da trama, em *Jaiá Garcia*, *Memórias Póstumas* e *Dom Camurro*, a crise da ideologia senhorial, demonstrada pelo crescente antagonismo entre senhores e dependentes, está presente nos três romances. Para Chalhoub, Machado também era um mestre em apreender o movimento da história.

No capítulo final, Chalhoub narra a atuação de Machado durante o período em que este atuou no Ministério da Agricultura, tendo como uma de suas principais incumbências a aplicação da Lei de setembro 1871. Ao fazer isso Chalhoub inova, pois nunca um estudo bibliográfico sobre o funcionário público Machado de Assis e as conseqüências que tal experiência de trabalho trouxeram para a obra machadiana havia sido feito. No capítulo, o autor evidencia que a experiência histórica das décadas de 1870 e 1880 foi imprescindível na formação do cidadão e do romancista, experiência essa que se somou à da infância de Machado, em que ele e sua família eram dependentes da família Barrosa nos arredores do Morro do Livramento.

Vários temas chegavam à mesa do funcionário público para que este desse seu parecer tais como a matrícula de escravos, o fundo de emancipação, se os filhos das escravas eram livres ou libertos. Ao pesquisar os vários pareceres de Machado sobre a aplicação da Lei de setembro de 1871, Chalhoub demonstra que, para Machado, em todos os casos que a lei deixasse dúvidas, deveria ser aplicado o que o bruxo do Cosme Velho entendia como o espírito da lei, a saber: a liberdade do escravo. O funcionário público Machado acreditava que a única forma de se acabar com a escravidão, a exploração e o lucro dos senhores/proprietários era por meio da intervenção do poder do estado no domínio privado dos senhores. Desse modo, entendemos que para

Chalhoub, a experiência pessoal de Machado foi de extrema importância na construção de suas alegorias.

Vale ressaltar que para melhor compreensão do livro, é de extrema importância atentarmos para duas historicidades. Primeira, a do momento em que se desenrolam os romances, ou seja, o tempo histórico em que ocorre a trama das personagens. Segunda, o momento em que Machado escreve seus romances. Isto porque o livro de Chalhoub está permeado da idéia que ao longo dos anos 1870 e 1880 o bruxo do Cosme Velho interpretou as mudanças pelas quais passavam a sociedade brasileira, baseado na sua experiência enquanto cidadão e funcionário público. Assim, por exemplo, *Helena*, que foi escrito em 1876, conta a história das décadas de 1840 e 1850. Em *Iaiá Garcia* a trama se desenrola entre os anos de 1866-1871 e o livro foi escrito em 1878. Já *Memórias Póstumas* é narrado por Brás entre 1870 e 1871 e o narrador defunto fala de sua vida entre os anos de 1840 e 1869; o romance foi escrito em 1881.

O leitor então tem que se atentar para as duas historicidades para poder compreender que tanto as personagens, quanto o próprio Machado, se deram conta de que um novo modelo de sociedade estava surgindo a partir dos destroços da escravidão. Isto é visível não apenas pelos romances de Machado, mas também pelas leituras de uma nova historiografia que evidencia a possibilidade de organização baseada em solidariedades horizontais, solidariedades estas que começam a crescer a partir da segunda metade do século XIX. Os textos de Machado nos ajudam a compreender que para escravos, forros e dependentes o horizonte não mais seria os senhores/proprietários.

Chalhoub conseguiu captar nos escritos machadianos o quanto de realidade havia na ficção, mesmo que o principal objetivo de Machado ao escrever seus romances não fosse contar a história política e social do país em que vivia. Felizmente nenhum autor controla totalmente o que produz e como Machado era um homem de seu tempo sua obra tem muito a revelar. O novo livro de Chalhoub possibilita aos leitores deste e de Machado de Assis entender e refletir sobre o fim da sociedade imperial e o início da construção da ordem social republicana no Brasil.